

Desenho de Annunciação. — Gravura de Pedroso.

Que diz essa estampa? o encontro fortuito de uns olhos de artista com uma scena trivial e plebêa, d'essas que todos os dias se nos deparam pelas ruas.

Na varina, que seria toda prosa se não fôra o ser a lindeza, cunho, graça original, e dote das da sua terra, e tanto que nem o seu trajar caracteristico, pobre, e grosseiro, lh'a encobre; na varina enxergou o enamorado talento do nosso artista, atravez das nuvens, o seu sol; pegou no lapis distrahido, e lançou isso, sem o saber, para o papel. Para os outros? para si? para ninguem e sem nenhum fim; desenhou por desenhar; desenhou como um poeta, vendo um objecto que o toca, murmura um verso que não escreve nem decora; o nosso gravador, que gostou do improviso, como o pintor provavelmente gostára da varina, reproduziu, e nós sem mais pretenções que elles ambos vol-o offerecemos n'estas poucas e pobres linhas.

ESTUDINHOS DE LINGUA PATRIA.

Todos fallam a lingua da sua terra, mas bem nem todos. Estudal-a, quasi ninguem a estuda; e digamol-o aqui baixinho, muitos escrevem quotidianamente para o publico, e não sem cabedal de talento e luzes, que todavia tropeçam a cada passo em repugnantes incorrecções, e se conspurcam sem se lhes

dar muito d'isso, nem o saberem, em erros de que já da escola elementar, a ser ella o que devia, haviam de ter saido limpos e escasqueados.

O escrever e fallar com abundancia, variedade de dicção, propriedade, acertada collocação e devido numero, é um apuro que se não póde exigir de toda a gente; á uma, porque nem todos nasceram para tudo; e á outra, porque os estudos d'este genero consomem demasiado tempo para quem tem outras cousas mais rendosas, mais avultadas, ou mais de sua indole e a seu gosto para fazer. Mas entre a perfeição esmerada e a incuria ignobil; entre o classicismo e o barbarismo, ha um meio termo, que todos devem forcejar por attingir. Não é ainda virtude, mas é já isenção de vicio.

Ora, é para aquelles de nossos leitores, que estiverem para baixo d'esse meio termo, e desejarem discretamente alcançal-o ou transcendel-o, que nós ideámos ir apresentando aos poucochinhos, n'esta folha, não um curso de lingua portugueza, deduzido, raciocinado, completo, senão só algumas observações ligeiras e fortuitas sobre alguns dos erros mais frequentes que por ahi grassam no fallar e no escrever.

Parece-nos que, aproveitando a alguem, ainda que pouco seja, já não será de todo mal empregado este pequeno trabalho.

Se outros redactores assim o intenderem tambem, muito nas boas horas mandem transcrever para as suas folhas estas bagatellas; as receitas de prestimo não se hão de monopolisar; antes convem se disseminem por toda a parte.

Vejâmos se estas dóses infinitesimas podem alguma cousa contra achaques velhos. A imprensa que, a dizer a verdade, não pouco tem concorrido para os empeiorar, ficaria muito bem contribuir agora para se profligarem; faria officio de lança de Achilles: feriu, cure.

USO DO VERBO HAVER.

Generalissimamente se erra hoje o emprego d'este verbo, que os nossos classicos não erraram uma só vez; e a unica razão por que se erra é o ignorar-se o que elle é, e o que significa. Cuida-se que é um verbo neutro, e que significa *existir*, quando em boa verdade é sempre verbo activo, e significa sempre *ter*.

Quando dizemos: *ha cousas, havia pessoas, houve republicas, haverá lances, haja festejos*, fallâmos classicamente, e não commettemos cousa a que se possa dar o injurioso nome de idiotismo, porque n'este e outros similhantes dizeres ha incontestavelmente uma ellipse, isto é: omittiram-se, por brevidade e elegancia, palavras que, logo que se restituam mentalmente á phrase, a tornam regularissima. Vejâmos: *ha cousas* inteira-se assim: a vida *ha* ou *tem cousas; havia pessoas*, o mundo ou a terra ou o reino *havia* ou *tinha pessoas*; *houve republicas*, o mundo ou a antiguidade *houve* ou *teve republicas; haverá lances*, o mundo, o tempo, a fortuna ou a vida, *haverá ou terá lances*; *haja festejos*, a terra ou o tempo ou a gente *haja* ou *tenha* festejos.

O verbo *haver*, n'este e em todos os casos similhantes, deve estar forçosamente no singular; pôl-o no plural é erro imperdoavel. A coisa, cuja existencia se quer significar, é complemento objectivo ou paciente, e não sujeito, agente ou nominativo, segundo o phraseado grammatical. O verdadeiro agente, sujeito ou nominativo, é, como dito fica, um substantivo occulto, e que o discurso facilmente desencanta.

Agora, para melhor quietar a consciencia aos que julgarem isto novidade e trepidarem diante d'ella, notemos por derradeiro que este fallar não é exclusivo do portuguez; o mesmo corre no castelhano e o mesmo no francez.

Quando n'esta ultima lingua se diz *il y a des personnes*, il y a eu des *auteurs;* il y aura *des amusements*; personnes, auteurs, e *amusements* são complementos do verbo activo *avoir*, que assim como o nosso *haver* é uma levissima transformação (já o dissemos, porém vale repetir) do verbo latino *habere*, que não significa senão *ter*.

NO ALBUM DA EX.ma SR.a D. H. S.

Venham ver este retrato,
E respondam se o pintor
Que desenhasse melhor
O tirava mais exacto.

Eil-a saltando da tela,
Viva, inteira, palpitante!...
Pallido um pouco o semblante,
A bocca graciosa e bella
Quando o sorriso a deflora,
E como a rosa da aurora
Sorrindo ao sopro d'abril.
E mais: é ver n'um momento
Quanto póde o pensamento
Sonhar de casto e gentil!
O cabello ondado e fino,
Negro como a noite escura,
Cáe no collo alabastrino,
E faz resaltar a alvura
Do rosto fascinador.
Os olhos... ah! n'este instante
Tremo, hesito; não ha côr,
Não ha luz por mais brilhante
Que possa em fim imitar
O reflexo scintillante
Da chamma do seu olhar!
Chamma, que ás vezes traidora
Se occulta na sombra escura,
A espera que chegue um'hora,
(Hora de morte ou ventura!)
Em que possa deslumbrar
Com mais fogo e com mais vida
O desvairado que ousar
Miral-a sem recear
Pel-a ver assim sumida!...

Terminou?... E eu que julgava
Cobrir-me de eterna gloria,
Quando tanto me esmerava
Na minha copia ideal!
Agora que na memoria,
Ou antes no coração,
Tenho vivo o original,
Vejo bem que não ha mão,
Por mais que saiba pintar,
Capaz de estampar na tela
A expressão graciosa e bella
D'essa face e d'esse olhar!

Abril de 59.

BULHÃO PATO.

HERALDICA.

A familia ****** é aristocratica, usa de umas armas tão complicadas, tão intricadas, que lembram aquellas dos *seis cães e quinze leões*, e tem, além de tudo isto, um *caquete*, que em pae, mãe, filhas, filhos,

tios e tias, é geral e constante: não dizem meia duzia de palavras que as não intervallem com seu pigarrinho. Um primo da casa, que é poeta, estava-lhes lendo o outro dia uma tragedia muito séria que tinha composto; o auditorio escutava com attenção, lagrimejava, mas, pelo costume e sem o cuidar, pigarrava tambem. O poeta torcia-se e retorcia-se, até que a final, prorompeu com toda a gravidade n'esta exclamação: — « Porque não hão de vv. ex.as man-« dar juntar ás suas armas dois pigarros de oiro?! »

MYSTERIOSA APPARIÇÃO.

Colluiai-vos com pessoa que vos haja de assistir na sociedade onde pretendeis passar por bruxo. Ajustae entre os dois, que em ella de um quarto proximo, em que a haverão fechado, vos ouvindo bater uma pancada, intenderá por ella a lettra *A*; duas *B*; tres *C*; e assim por diante, segundo a ordem do alphabeto. Isto concertado, dizei na assemblea que sois capaz de fazer com que uma qualquer pessoa fechada na sala proxima veja animal ou individuo ausente, vivo ou morto, que algum dos presentes desejar. Aqui o perigo é que venha algum abelhudo atrapalhar-vos o capitulo, offerecendo-se para ser elle quem veja o objecto. O remedio é intimidar a todos com dizer-lhes que é mister grande animo e atrevimento em quem houver de se aventurar a ir sósinho para aquella sala, tão inauditas e horrendas são as visões que lá o esperam. Com taes annuncios, feitos com todo o serio e solemnidade, descartais-vos dos intromettidos, e só o vosso compadre, fingindo ainda assim seus longes de receio, se resolve á façanhosa tentativa. Accendei um lampião que dê uma luz, como dizem, de mortos; entregae-lh'o, e dizei-lhe que vá com Deus, assente aquella luzerna no meio do chão, e se não apavore do que vir. Fecha-se-lhe a porta, pegaes n'um papel preto e um lapis branco, e pedis a quem quer que seja, que escreva para alli o nome do animal ou pessoa, que se tem de evocar. O papel queimail-o á luz de uma vela, lançais-lhe as cinzas n'um almofariz, e por cima das cinzas uns pós a que haveis de attribuir grandes virtudes.

Intendido está que deveis ter lido para vós o nome escripto. Dêmos que é *lobo;* pegais na mão do almofariz, como quem quer pisar os pós com as cinzas, e daes na borda do vaso tres pancadas para signal ao encarcerado de que dá principio a magica; esfregais logo com a mão do almofariz o mesmo almofariz, para lhe significardes que se começa. Então bateis doze pancadas, que elle traduz *L;* depois quinze *O*; depois duas *B;* e depois quinze *O*. Entre lettra e lettra não parareis para desviar suspeitas; mas só fareis intervallo com revolver um pouco a mão do almofariz dentro n'elle, como quem procura misturar o contheudo. Para precaver enganos na contagem das pancadas, tanto da parte do manipulante como da do preso, é bom que um e outro vá recitando baixinho o alphabeto á proporção que os golpes sôam.

Concluida a trituração, limpaes o suor, e perguntaes ao escondido o que vê; este não responde logo, porque está espavorido; tornael-o a interrogar, e então com voz tremula de homem aterrado, proclama: *Lobo!*

Se quizerdes, podeis ter preparado em vez de um, dois compadres, para que um d'elles represente o papel de incredulo e espirito forte, e se offereça com instancia, para impedir que outrem lhe tome o passo, a ir com o primeiro, ou sósinho, para a casa das visões. Este, ao sair de lá, convencerá com a sua convicção a todos os espectadores.

Se vos pedirem para repetirdes, desculpae-vos com o cansaço, para que algum esperto vos não descubra o jogo.

OS DOZE ANNOS.

Recordemos da primeira Epistola de A. F. de Castilho á Senhora Imperatriz do Brasil, implorando o perdão do velho portuguez, condemnado a doze annos de trabalhos publicos, os seguintes versos:

¡Doze annos!; ¡preso!; ¡mudo!; ¡oppresso!; ¡envilecido!;
¡descoroado das cans!; ¡infame no vestido!;
¡um numero por nome!; ¡o trabalho sem fim!;
¡e impossivel a esp'rança!!. (Olhos de serafim,
perdoai, se vos baixo a este horror profundo!)
¡Doze annos n'um jazigo; extincto, e moribundo!
¡viuvo, de mulher que traz por elle o dó!
¡pae, de filhos sem pae! ¡com familia; e tão só!
¡olhos de serafim! banhae-o em vosso pranto!.

¿Doze annos?; ¿e a velhice acaso espera tanto?
¿Doze annos?! ¿mas ignora a justiça mortal
que um só dia em tal dor... por mil seculos val?
Doze annos?!! vezes doze os longos soes do estio,
sem elle entrar co'os seus no seu pomar sombrio!
¡Vezes doze do outono a abundancia, o prazer,
das arvores que poz sem elle um fructo ver!
¡Vezes doze do inverno as noites espaçosas,
tão sociaes té agora... agora tão saudosas!
¡Doze vezes em fim, primavera a sorrir
a toda a natureza... e sem deixar cair...
a descuido sequer!, ¡na sua sepultura,
uma florinha; um sol; um pio; uma verdura!.
¿Doze annos?!!! mas sabeis o que doze annos são,
no fundo de um abysmo, onde até... a oração
¿se enregela talvez?!:

¡Cento e quarenta e quatro
mezes a desfilar em lôbrego theatro!
¡Semanas.... a exhaurir no calice da dor....
seiscentas vinte e seis sem dia do Senhor!
¡Dias.... a distillar.... a gota e gota, lentos;
dias sem luz do ceo.... são; quatro mil; trezentos;
mais oitenta; mais tres! ¡Horas, horas eguaes,
na angustia, ás do estertor; no odio, ás infernaes;
horas, quaes Deus não quer, e que Satan faz suas,
são cento e cinco mil cento e noventa e duas!

¿Doze annos!?; ¿doze?!?; ¿doze!!!?; a dextra de um juiz
lança doze de um rasgo; a voz, depressa o diz;
¡são duas lettras só! ¡mas á provecta edade,
duas lettras... contêm: o inferno, e a eternidade!

A lei é cega e surda; ¡afortunado o rei
que suppre, ouvindo e vendo, o incompleto da lei!
e a quem do Estado o jus, da humanidade amigo,
deixa dizer: — ¡Perdão! — quando a lei diz: — Castigo.
¡Prerogativa excelsa! o raio, attesta um Deus;
mas a clemencia, o mostra; e nos torna mais seus.

Os versos precedentes foram tão bem e tão engenhosamente parodiados por um estudante de merito, em quem já se entrevê um futuro poeta de bons quilates, que não podêmos resistir ao desejo de apresentar aqui esse notavel fragmento; eil-o:

OS SETE ANNOS.

(fragmento).

....
....
Sete annos a estudar! oppresso! aborrecido!
De prazeres privado! e pobre no vestido!

Um numero por nome! e os estudos sem fim!
Sem ter mais do que a esp'rança! (Olhos de seraphim,
Dae-lhe força, por Deus, no desprazer profundo)
Sete annos n'uma escola, exhausto e moribundo!
Amando uma mulher, que d'elle nem tem dó
Por infeliz o ver, sem familia, tão só!
Olhos de seraphim! vós sois seu doce encanto!
Sete annos? e um mancebo acaso espera tanto?
Sete annos? mas ignora o *sup'rior conselho*
Que um só dia em tal dor do joven faz um velho?
Sete annos?!! vezes sete os longos sóes do estio
Sem elle ver doirar o seu porvir sombrio!
Vezes sete do outono a abundancia, o prazer,
Passados n'um tormento horrivel de soffrer!
Vezes sete do inverno as noites espaçosas
Em livros a estudar lições fastidiosas!
Sete vezes, em fim, primavera a sorrir
A todos n'este mundo... excepto ao seu porvir!
Sete annos?!!! Mas sabeis o que sete annos são
Na vida d'um donzel... que tem um coração
E nada mais de seu?! sabeis?!
Oitenta e quatro
Mezes a desfilar das aulas no amphitheatro!
Semanas... sempre a ouvir sermões de um professor,
(Podendo ver-te só no dia do Senhor),
Sobre sessenta e cinco ainda mais trezentas!
Noites sem descançar... são duas mil, quinhentas,
Mais cincoenta, mais sete! Horas, horas eguaes
Na angustia ás do estertor, no horror ás infernaes,
(Mas que elle ao seu amor sacrificou affoito)
Cincoenta e quatro mil cento e sessenta e oito!
Sete annos!? sete!!? sete!!!? a lei n'este paiz
Não quiz menos de sete; a voz depressa o diz;
É uma letra só! mas no verdor da idade
Uma letra... contém: o inferno, a eternidade!
É bem tyranna a lei! abençoada a amante
Que o trovador anima a proseguir ávante,
E suppre c'um sorriso o artigo malfadado
Da lei que escravisar pretende um desgraçado!
Prerogativa excelsa! ao lugubre estertor
Succede a meiga espr'ança em canticos de amor!
....
....

J. J. DA S.

EXCELLENTE REMEDIO PARA FALTAS DE RESPIRAÇÃO.

A seguinte receita foi-nos dada por um medico brasileiro, mui habil, que a recebêra de outro allemão, de quem fôra discipulo. Um e outro a haviam experimentado por muitas vezes com o melhor exito.

Muitas dezenas de pessoas, a quem ensinámos este facil tratamento contra as faltas de respiração, e o tentaram, proclamam a sua efficacia.

Diga-se toda a verdade: com esta fórmula não se cura radicalmente a asthma; mas o que está averiguado, é que os affrontosos accessos de faltas de ar se tornam muito menos violentos e muito mais raros. Em mal tamanho é já este um grandissimo bem.

R.e Sulfureto doirado d'antimonio...... 1 grão
Ipecacuanha em pó............ ½ »
Extracto de extramonio.......... 4 »
Assucar branco.............. 10 »

Misture e divida em doze partes eguaes para tomar um papel cada meia hora, e beber meia chicara d'agua por cima.

LOGOGRIPHO.

Antes na minha uma e duas,
Que nas duas e uma estar;
Quem tem de seu pés e bocca,
Póde a tres e dois chegar.

Terceira e primeira é canna,
Fim e principio madeira,
Uma e uma sugidade,
Duas duas chuchadeira.

A segunda na primeira
Nunca a eu desejo ver;
Dá quatro e quatro ao menino,
Não dois e quatro a beber.

Meu um e tres, leitorsinho,
Quando viages por mar,
O todo que em terra amavas,
Depressa te ha de enfadar.

MODO ADMIRAVEL DE ENAIPAR UM BARALHO.

Ponde na mesa, ao lado umas das outras, quatro cartas de diversos naipes; sobreponde á primeira uma do naipe da quarta, á segunda uma do naipe da primeira, á terceira uma do naipe da segunda, á quarta uma do naipe da terceira; continuai assim a prolongar as quatro columnas sempre a uma e uma carta, da esquerda para a direita, e seguindo na collocação dos naipes a mesma ordem, isto é, que o naipe de cada nova carta que fordes assentando, seja o mesmo que o da carta precedente. Para maior clareza, eis-aqui um specimen.

Copas	Ouros	Páos	Espadas
Espadas	Copas	Ouros	Páos
Páos	Espadas	Copas	Ouros
Ouros	Páos	Espadas	Copas
Copas	Ouros	Páos	Espadas

Temos vinte cartas collocadas; as vinte que restam devem seguir invariavelmente a mesma marcha; se quizerdes mesmo chegar a baralho e meio, ou dois baralhos, ou mais, podeis fazel-o sem inconveniente. Todo o ponto está em que n'esta distribuição não haja erro, e em que a ultima carta de cada columna seja do mesmo naipe que a primeira da mesma columna.

Toda esta operação convem se execute com desembaraço e rapidez, para que os mirões e espertos não percebam a ordem que seguis; e, se for possivel, nem sequer desconfiem de que seguis ordem alguma.

Reunis em masso toda a columna da esquerda, voltando as cartas para baixo; fazeis o mesmo á columna immediata, cujo masso pondes em cima do primeiro; o terceiro em cima do segundo; o quarto, em fim, em cima do terceiro.

Então mandais partir o baralho em dois; tornai-o a juntar, ficando, já se sabe, a metade inferior por cima, a superior por baixo. A operação do corte póde ser repetida até ao infinito; com tanto que nun-

ca, de cada vez, o baralho se divida em mais de dois montes.

Está chegado o instante do vosso triumpho. Distribui na mesa, e voltadas para baixo, todas as vossas cartas em quatro montes, sempre a uma e uma, e da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda, sem inversão, nem interpolação. Mandae levantar os massos, e ver-se-ha com geral admiração, que em cada um d'elles se não encontra mais que um só naipe.

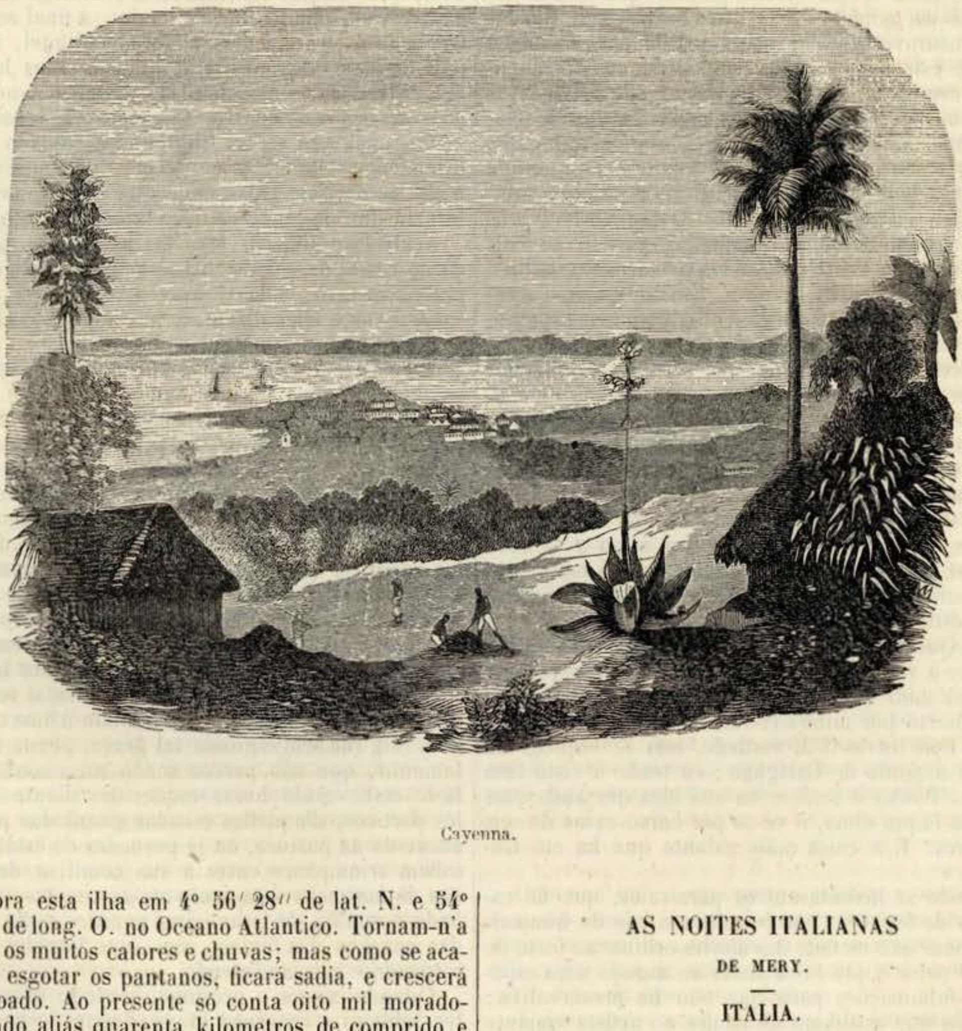
Se algum sagaz, tendo descoberto a ordem da collocação primaria, vos pedir as cartas para fazer outro tanto, basta que subtrahiaes subtilmente quatro d'ellas, para que, por mais que se cance, nunca lhe seja possivel apresentar em cada masso senão uma perfeitissima caldeirada de todos os naipes.

SORVEDOIRO PHARMACEUTICO.

O reverendo prior de *** na Beira alta, é homem achacoso, e que vive a medicar-se; em parte é já tambem por costume. Entretem-se em tomar remedios.

No fim d'este anno passado (elle é sujeito pontualissimo) foi á botica pagar a sua conta; a quanto ella subia não nol-o poderam dizer ao certo; mas o que é certissimo é que tendo ido a cavallo da residencia para a pharmacia, voltou da pharmacia para a residencia a pé, tendo lá deixado a cavalgadura em desconto das drogas que tragára em 1858.

Tem hoje por dizer o bom do padre, que tomou a sua egua em purgas.



Cayenna.

Demora esta ilha em 4° 56′ 28″ de lat. N. e 54° 38′ 45″ de long. O. no Oceano Atlantico. Tornam-n'a doentia os muitos calores e chuvas; mas como se acabem de esgotar os pantanos, ficará sadia, e crescerá em povoado. Ao presente só conta oito mil moradores, tendo aliás quarenta kilometros de comprido e trinta de largo.

Esteve na coroa de França desde 1625; desde 1654 a 1664 no dominio da Inglaterra; em 1676 caiu nas mãos dos hollandezes; d'estas passou ás dos francezes em 1677, e d'estas a arrebataram em 1809 os inglezes e portuguezes, que outra vez lh'a houveram de restituir em 1814, e franceza permaneceu até hoje.

E' terra de degradados. Luiz Napoleão a arvorou em penitenciaria politica. Produz com abundancia os generos coloniaes.

AS NOITES ITALIANAS

DE MERY.

ITALIA.

I

Genova.

(Continuação).

Quem me dera ter podido enthesoirar em redoma de diamante o ar balsamico, a serena viração, em que se deslisaram as tres donosas syllabas! De cotovello fincado no peitoril do jardim do nosso vapor, por largo tracto fiquei seguindo com a vista por entre a escuridão nocturna o campanario de Albenga, e uma ilhota convisinha carregada de sua torre. Como rasgou a manhã, enxerguei mal apontada no horisonte que nos lá ficava, a serra de Albenga, d'onde

a Italia se me revelára na suavidade de um nome, n'uma palavra harmoniosa, como o proprio murmurinho dos seus arvoredos de pinheiros e laranjaes. Mil annos que eu vivesse me não desbotariam da saudade aquella denominação aldeana.

Proejava o Sully por seu rumo direito a Genova; ao sopé do Appenino emergia do pégo a cidade vangloriosa; costas longinquas, esparsas, ao que parecia, de um ponteado branco e lucido; a cada galão do navio se nos iam aquelles pontos avolumando.

A cabo de horas houvemos vista completa e grandiosa da cidade toda; em radiosa atmosphera alçava a fronte senhoril; os pés banhava-os regalona no golphão de Liguria. Com quanto lhe iamos ainda bem arredados, já lhe divisavamos os agigantados edificios, o pharol, as alterosas fortalezas, os conventos, os zimborios, os campanarios, as quintas como que penduradas sobre o mar. Para annunciar Italia nada como Genova; é o marmoreo e condigno vestibulo d'essa eterna galeria que se vác fenecer lá no golphão de Trento; é o peristylo do incommensuravel museu, que assoalha em cardumes, paineis, estatuas, cidades pendentes, como em parede desmedida, nos Apenninos, e lhe refresca os ares com as virações alternas dos seus dois mares. Como aportámos, confesso que nenhuma impressão me fez, como a tantos outros viajantes acontece, a lembrança da gloria dos doges; gloria é essa que nunca me deu a mim grandes abalos. O que me levava os olhos e a attenção toda, era aquella perspectiva: mais vistosa nunca se vos depararia em scenario de acto final de opera em theatro luxuoso. Era um palacio mesmo ao rez do mar, a mirar n'elle, como em espelho, a sua renque de columnas de marmore alvissimo.

Pareceu-me deshabitado; por solitario commovia; tão bem posto alli e tão formoso, que scenas de contentamento e bulicio não havia de ter presenciado! e agora se me estava offerecendo como um tumulo apparatoso, em que dormiria alguma regia sombra ao suave murmurinho de larangeiras e ondas.

— «O palacio Doria» — disse ao pé de mim um viajante, que vinha duas vezes por anno a Genova negociar em massas, e que punha basofia em já não olhar para aquellas coisas. Toda a sua azafama era andar dizendo a uns e a outros:

— «Quem quizer boa hospedaria, a do Miguel: «está-se á vontade, e come-se por todos os preços. «Eu por mim nunca vou para outra; até lá tenho «um quarto por minha conta. Tem lá francezas de «truz. Pois ostras!! É verdade, não se esqueça de «ir ver a ponte de Carignan; eu tenho-a visto cem «vezes. Ponha o senhor na sua idéa que anda uma «pessoa lá por cima, e vê cá por baixo casas de seis «andares. É a coisa mais galante que ha em Ge«nova.»

Quando se inventaram os pára-raios, que de escarceos de louvores não levantou a boa da humanidade, nem que metade das mortes ordinarias fosse de raio. O peior é que ficou ainda no mundo uma especie de fulminações para que não ha preservativo; são estas que apanham de chofre ao artista viajante a cada passo, e quando mais encantado elle está com as suas commoções. Forte pena que Franklin não meditasse n'est'outro phenomeno de attracção magnetica; porque (é sabido) tanto que um pensamento, um devaneio, uma phantasia de imaginação corre no ar, ha de vir por força um dito de chumbo disparado de uma bocca desastrada que mata tudo.

Quem lhe perguntava a elle, semsaborão destruidor de commoções, se era ou não era o palacio Doria? Eu por mim de certo que não.

Mais e muito mais que palacios Dorias era a meu talante aquelle edificio tão poetico; tudo era, e agora é nada. É a casa de um maritimo, capitão de uma frota, que, se fosse hoje, qualquer brigue nosso a metêra a pique.

Ahi está: em uma illusão começando a desandar, ninguem lhe tem mão; foi-se de todo. Um dos da saude safardana de S. Roque, e ex officio *contagionista*, pergunta-vos se não trazeis cholera-morbus; um galopim de estalagem embute-vos á mão tente um bilhete que diz em italiano *cozinha á franceza;* um beleguim, ou coisa que o valha, d'el-rei da Sardenha, pede-vos o passaporte; o capitão manda enfileirar os viajantes e conta-os como carneiros. Salta-se para um bote por entre celeuma de pragas de todos os barqueiros a que não tocou vez, como se uma pessoa podesse ir para a terra em vinte lanchas ao mesmo tempo.

Que é isto? onde está Genova, a soberba? que foi da cidade de marmore? da rainha da Liguria? O que por ahi vái são cães immundos, casas que mettem medo. A porta mais parece postigo de cadeia, que introito de cidade; a alfandega mette-vos as mãos em quantos bolsos tendes. A final sempre lá se chega á locanda do famigerado Miguel, mas depois de atravessar um labyrintho de ruas lamacentas, estreitas, e ensombradas. Miguel põe-nos almoço e dá-nos um quarto. Chegâmos á janella, não vemos nada; só a casa fronteira; e cuidado que, se estendermos de mais o pescoço, podêmos quebrar n'ella os narizes. ¿Mas onde está esta Genova, essa bizarra que de longe se nos blazonava tanto?!

Acabado o almoço, leva arriba; sái-se da hospedaria á cata da cidade: passa-se por diante da egreja de San-Ciro; sobe-se uma não fadigosa calçada, *salita*, como elles dizem, e cá está Genova!

Esfatiaram-se montanhas de marmore, para se transformarem n'esta rua maravilhosa, adornada de palacios por uma e outra banda. Para este repente é que os olhos não estavam precavidos; fecham-se per si como quando passâmos a subitas das trevas para o sol.

Não ha em todo o mundo vista esplendida como estas duas monumentaes fiadas de porticos, com sua calçada de granito no intermeio, doiradas da suave luz vaporosa que o ceo italiano tanto se compraz de liberalisar ás obras de seus filhos. Sente-se a gente perante aquellas aereas maravilhas tão leve, que se lhe figura andar o corpo boiando nos esplendores, e poder sem escada ir poisar lá por cima nos terrados; a diaphanidade do ar, a viveza do dia, o sereno do ceo, a fragrancia do visinho mar, tudo á uma está dando a esta rua sem segunda tal graça, poesia e encantamento, que não parece senão coisa sonhada. Está-se embevecido horas esquecidas diante d'aquelles porticos, d'aquellas escadas guardadas por leões alterosos na postura, ou já povoadas de estatuas que sobem triumphaes entre a sua comitiva de columnas de marmore sem conto até ás regiões aereas, lá onde á sombra de larangeiras pensiles estão as bojudas conchas das fontes, com seus liquidos cristaes resoando e resplandecendo.

Quando menos o presume, sente-se o animo entre jubiloso e enternecido no limiar de uns paços, que lá de dentro, na sua claridade sombria, lhe entremostram avaros e chocalheiros o seu pateo meditativo e voluptuoso, pateo de marmore com arcarias de limoeiros floridos, e em meio o repuxo de aguas vivas, remessado, recurvo, estrepitoso, saltitante. Por alli conversam e riem taes moças, que já para conviverem com taes arvores, em taes vergeis e de taes fontes as inventára Deus; mulheres de lauta vida e suaves ocios; descuidosas e trêfegas; fadas muito á propria para essas phantasticas mansões, e de cujos labios se exhalam sons enamorados como o ciciar macio de vestidos de seda. Por fóra, pelos passeios de lagedo brunido, passam ligeiras outras mulheres,

quaes morenas mas lindas, quaes candidas e viçosas. Parece muitas vezes aquillo uma feiticeira procissão de virgens de Raphael, que saltaram dos seus paineis para visitarem a rua Balbi, e se tornarem com ella para os ceos.

(*Continúa*).

PROBLEMA.

2 — Perguntando-se a um homem que edade tinha, respondeu: se á decima parte da minha edade juntar 3 annos, e elevar ao quadrado o numero resultante, acharei a edade que hei de ter d'aqui a um numero de annos, expresso pela quarta parte da edade que actualmente tenho. Pergunta-se: qual é a edade d'este homem?

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

V.

A MATERNIDADE.

I.

Lembraes-vos por ventura dos annos da vossa infancia?

Lembraes-vos d'aquellas horas tranquillas em que, livre a alma de pezares e o coração de inquietações, deixaveis repousar a cabeça no seio de uma mulher?

Lembraes-vos da ternura com que aquella mulher vos ameigava, estreitava as vossas mãos infantis, e imprimia, sem córar, os seus labios em vossa fronte purissima?

Lembraes-vos de quantas vezes enxugava sollicita as vossas lagrimas, e vos embalava docemente ao melifluo som de um cantico de amor?

Oh! lembraes-vos sem duvida.

Os que temos a felicidade de ver essa mulher sobre a terra, invocâmol-a com carinho a todas as horas. O seu nome está escripto no coração; é o nome mais terno de quantos encerra o diccionario.

O nome só de MÃE representa-nos aquella mulher, em cujo seio deixavamos repousar a nossa cabeça; aquella mulher que nos acariciava; que apertava entre as suas as nossas mãos; que beijava a nossa fronte; que enxugava as nossas lagrimas; que nos embalava, em fim, no seu collo ao som meigo de uma ballada de amor.

Felizes mil vezes os que podêmos contemplal-a com os olhos da realidade!

Vós, que haveis perdido vossa mãe, tambem podeis vêl-a, se tendes coração e sentimento.

Podeis vêl-a no sonho doirado da vossa felicidade. Se o astro da noite envia á terra o seu pallido resplendor, figurae-vos que o resplendor pallido do astro da noite é o olhar tranquillo e carinhoso que vossa mãe vos envia do ceo.

Se virdes na região do firmamento uma branca nuvemsinha que fluctua como tenue volante, segura nas pontas por dois anjos, é a alma de vossa mãe que, ao olhar-vos lá do ceo, sorri de carinho.

Se ao caír de uma tarde melancholica sentis no valle um echo vago, que se perde no espaço, e que não é o canto das aves, nem o murmurio da fonte, ajoelhae-vos; é o vôo da oração que por vós eleva vossa mãe.

Se em noite aprazivel do estio acaricia a vossa fronte uma brisa consoladora, que não é a brisa dos campos, nem o perfume embalsamado das flores, estremecei de prazer; é o beijo de pureza e de ternura que vos envia do ceo vossa mãe.

Ainda que a morte a arrebate, a mãe não deixa nunca de existir para vós, os que tendes coração e sentimento.

II.

Povos que rebaixastes a dignidade da mulher, que a considerastes como um ente quasi desprezivel, — vinde! A razão chama-vos a juizo.

O ente que desprezaes deu a vida aos vossos heroes e aos vossos sabios.

Quando os vossos heroes e os vossos sabios, quando os Alexandres e os Homeros, os Cesares e os Virgilios, passavam os aziagos dias da infancia, alimentava-os uma mulher com o succo do seu peito; adormecia-os uma mulher com o arrulho do seu amor.

Quando os seus labios se descerravam para articular os primeiros sons, uma mulher lhes ensinou a pronunciar os nomes para vós respeitaveis; infundiu-lhes as vossas crenças; disse-lhes que havia uma patria que deviam adorar; uma patria que elles illustraram logo com o brilho das suas conquistas, ou com o magico resplendor do seu talento.

Detractores systematicos do que chamaes sexo fraco, recordae-vos de que haveis tido mãe, ou de que a tendes ainda!

Os que negaes absolutamente a virtude da mulher, lembrae-vos de vossa mãe!

Os que ao nome e á memoria da mãe não sentis bater de enthusiasmo o coração, afastae-vos!

Porém não fujaes para os campos; que alli as ternas avesinhas beijam as mães em o ninho; alli o manso cordeiro salta de gosto junto da ovelha.

Não fujaes para os bosques; que alli podeis ver a panthera lamber os seus cachorros, e a leoa acariciar os seus filhos.

E não é bem que a leoa e a panthera dos bosques, e a ovelha e a ave dos prados ensinem ao homem as leis immutaveis da natureza; ao homem, que é rei da natureza, e primeira figura no grande panorama da creação.

Fugi para onde o sol não allumie, para onde acheis um espaço virgem, onde ninguem jámais respirasse; porque aonde quer que cheguem os raios do sol, aonde exista um ente organisado e sensivel, alli reinará magestosamente a idéa da maternidade.

III.

Conta-se que a um pintor celebre encommendaram um quadro, aonde se representassem ao mesmo tempo o amor e a pureza; e que o artista passou á tela a imagem de uma mulher que levava nos braços o filho de suas entranhas.

Aquelle pintor era um sabio. Os braços de nossa mãe são o throno do amor e da pureza, aonde nos alvores da vida do homem brilha a sua magestade de rei da creação.

N'esses primeiros annos da vida, a mãe vem a ser para nós uma segunda Providencia.

Nos annos da meninice, a mãe é a nossa primeira mestra: ensina-nos quotidianamente a erguer as mãos ao ceo, e a dar graças ao Todo-Poderoso.

Por ella aprendemos a coordenar até as palavras das nossas primeiras orações; d'esses primeiros hymnos que a alma eleva á Rainha dos anjos.

Nos annos da adolescencia, ensina-nos o caminho da virtude, avisa-nos dos precipicios, e talvez enxu-

ga a primeira lagrima de fogo que faz assomar ás nossas palpebras um amor que não é o seu.

Oh! o amor materno não arranca lagrimas de fogo; produz, ao contrario, pranto agradavel que refresca a alma, como o orvalho á terra, como o zephyro ás flores.

Nos annos da juventude consola as nossas amarguras, perdoa os nossos extravios, e é a amiga que nunca nos engana; a amante inalteravel e fiel que nos ama sem calculo e sem interesse, sem falsidade e sem ciumes.

É ella a unica mulher que, sem se envergonhar, nem envergonhar-nos, póde beijar o nossa fronte e estreitar-nos no seu seio.

Ella é a que toma quinhão em nossos infortunios e males; a que nos vela o somno; e conta, a segundo e segundo, as horas do nosso padecer; a que nos fecha as palpebras no instante supremo; o unico ente, em fim, além do pae, que não admitte confortos pela nossa perda; pois se lhe afoga a alma no mar sem margens do egoismo intenso da dor.

Se é indubitavel que os paes occupam na terra o logar da Divindade, concluamos por declarar absurdo e inconcebivel o atheismo.

Não póde haver um ente racional que negue sua mãe; se existir, deve considerar-se como excepção.

As excepções, tratando-se da familia humana, chamam-se pelo nome de monstros. O seu numero é pequeno, por felicidade.

Se consultâmos a historia da humanidade, acharemos milhares de paginas entre dois Neros.

Por cada monstro, isto é, por cada homem em cujo peito se não abrigue o amor maternal, ha gerações sem conto que rendem homenagem á santa lei gravada pela mão de Deus no coração dos mortaes, e no codigo immortal do Sinay.

N'essa dupla lei natural e positiva está escripto o amor materno.

O amor materno é o mais puro e sublime de todos os amores.

Um autor profundo e sentencioso nos deixou esta maxima, que encerra grande verdade:

« A mulher que, pelas suas virtudes e graças captiva o nosso intendimento e o nosso coração, é a que *mais* amâmos; a mulher a quem nos unimos pelo vinculo do matrimonio, é a que amâmos *melhor*; a mãe, é a unica mulher que amâmos *sempre*. »

IV.

Contam que um dia perguntára Mad. de Staël ao imperador Napoleão, qual era a seus olhos a mulher maior do mundo: « A que haja tido mais filhos, » respondeu sem vacillar Napoleão.

De certo que Mad. de Staël não esperava esta resposta; e, comtudo, não n'a ha mais propria de uns labios de rei.

Nós não temos como primeira mulher do mundo a que mais filhos haja dado á luz, mas a que melhor os tenha educado.

A educação é a segunda natureza.

Ter muitos filhos vale infinitamente menos do que educar bem um só.

Quem ensina ás mulheres a difficil sciencia de educar os filhos?

Ninguem.

Nos seculos em que a mulher era *coisa* em que para ella marcava *zero* o thermometro da humanidade, é inutil perguntar pela educação das mães de familias.

Em tempos posteriores, quando já se permittia ás mulheres a liberdade de soletrar impressos e de rabiscar o abecedario, começaram ellas a receber a idéa da importante missão que na terra lhes pertence.

A sociedade actual engana feiamente as mulheres: confunde-as e desvanece-as por entre uma nuvem de lisonjas, e como em seculos passados, apenas lhes ensina a soletrar impressos e a rabiscar o abecedario.

A mulher sabe hoje tudo quanto a leva a augmentar a sua vaidade de mulher, e mui pouco do que a leva a desempenhar completamente a sua nobre missão de mãe.

A humanidade progride em fracções

O pae imprime de ordinario nos filhos o seu caracter; a mãe imprime-o nos filhos e nas filhas.

O porvir das crianças, disse tambem Napoleão, é quasi sempre obra de sua mãe.

Em Hespanha agitou-se, não ha muitos annos, o pensamento de educar *scientificamente* as mães de familias; mas para logo se baldou aquelle pensamento; e hoje em dia só curam do que possa a pollegada e pollegada levar os partidos para diante........

(Continúa).

BRITO ARANHA.

TIRO CONTRADICTORIO.

Pondes duas velas uma ao pé da outra, uma accesa e bem espevitada, e outra apagada e com phosphoro no pavio. De seis passos de distancia disparae contra as duas uma pistola carregada só com polvora; a vela accesa apaga-se, a apagada accende-se. Aquella pelo abalo do ar, esta pela inflammação do phosphoro.

Se apostardes com quem não o saiba, ganhaes.

RECEITA PARA TORNAR APTO PARA AS AGUARELLAS O PAPEL PASSENTO.

Derretei ao lume 30 grammas (1 onça) de colla de Flandres, e 30 grammas de sabão branco, em quarto de litro (ou proximamente meia libra) de agua da fonte. Quando a dissolução estiver feita, ajuntae-lhe 15 grammas de pedra hume e mexei-a até esta se dissolver. Quando arrefecer, applicae-a sobre o papel com uma esponja ou um pincel chato, e deixae seccar.

Palavra do logogripho publicado no precedente numero — *Patacoada.*

Explicação do enigma do numero antecedente.

Desespera quem espera.

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1.

Este problema, de analyse determinada, produz o seguinte systema de equações:

$$x + y + z = 172$$

$$\frac{x-1}{5} = \frac{5}{6}\left(\frac{y-2}{5} + \frac{z-4}{5}\right)$$

$$x = 11y - 9z$$

das quaes se deduz por qualquer dos methodos sabidos

x = 76 annos
y = 47 »
z = 49 »
172

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 47